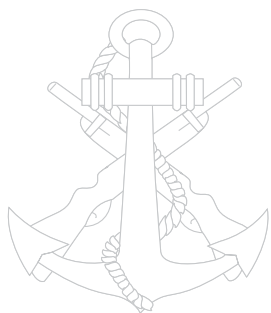


perda do apoio de companheiros dos quais ele se acostumara a depender.

Por outro lado, pode ocorrer um súbito desgaste traumático, de maiores proporções, que traz enorme ameaça àquele capital referido. Quando o capital moral e emocional de um indivíduo é completamente exaurido ele (ou ela) está acabado.

Nota: O Comandante Smith era, então, um instrutor de reservistas da Marinha na Universidade de Ciências Médicas em Bethesda, Maryland, onde ele exercia os cargos de Professor Clínico de Cirurgia e Professor Clínico de Medicina Militar e Emergência. Ele também exercia cátedra em tempo integral no Colégio de Medicina da Geórgia, em Augusta, Geórgia, onde servia como professor de Cirurgia. O Comandante Smith foi o Autor do Ano do *Proceedings* em 1988.



CF (FN) Osmar da Cunha Penha
osmar@ciasc.mar.mil.br

A Teoria da Guerra de Manobra

A Guerra de Manobra não é algo novo. O primeiro caso claramente registrado na história parece ter sido a Batalha de *Leuctra* em 371 a.C. Nesta batalha, os tebanos, liderados por Epaminondas, venceram graças a um surpreendente ataque contra o flanco direito da falange Espartana. Outro grande exemplo registrado foi à vitória de Haníbal sobre os romanos em *Cannae* em 216 a.C., considerada uma das mais decisivas ações táticas de todos os tempos. A história moderna oferece vários outros exemplos: Rosecranz em *Chattanooga*, General Grant em *Vicksburg*, e a campanha do General Jackson durante a Guerra Civil Americana; as táticas de infiltração alemã durante a 1ª Guerra Mundial (1ª GM); a *Blitzkrieg* durante a 2ª Guerra Mundial (2ª GM); e os ataques do General Sharon por meio do Canal de Suez em 1973.

Por que considerar todos esses casos como exemplos de Guerra de Manobra? O que vem a ser “manobra”? Por vezes, esse termo é usado como sinônimo de movimento, como na manobra de pequenas unidades táticas utilizando “fogo e movimento”. Manobra, como definida pelo coronel russo F. D. Sverdelov em seu estudo intitulado “Manobra Tática”¹, deve ser entendida como o “movimento organizado de forças durante as operações de combate de forma a alcançar uma posição vantajosa em relação ao inimigo, permitindo o desencadeamento das ações decisivas”. Entretanto, quando empregamos o termo na expressão *Guerra de Manobra*, “manobra” significa muito mais. Isto é exatamente o que todos os casos históricos mencionados têm em comum e a Teoria da Guerra de Manobra busca responder a pergunta: qual a essência do sucesso em todos esses casos?

Somente durante a década de 1980, o Coronel John Boyd, então piloto de caças da reserva da Força Aérea dos

Observação: A intenção do tradutor deste artigo foi oferecer subsídios ao debate de dois aspectos julgados importantes: coesão em combate e estresse em combate. A principal motivação para esta iniciativa é o fato de que os Fuzileiros Navais, como integrantes da MB, já de longa data vêm participando de Forças de Paz, bem como, mais recentemente, de Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO). Ambas as operações citadas são, reconhecidamente, capazes de gerar níveis de estresse variáveis com conseqüências na saúde e no desempenho dos militares envolvidos.

Em 2009, foi incluído o tema “Estresse em Combate” na relação de Monografias do Curso de Política e Estratégia Marítimas (C-PEM), na Escola de Guerra Naval (EGN), objetivando criar tal área de pesquisa, particularmente para Oficiais do Corpo de Saúde, sem excluir outros que queiram abordá-la. Contudo, o tema não foi selecionado por nenhum aluno. Repetido em 2010, novamente não foi escolhido (nota do tradutor).

EUA, expôs uma resposta convincente. Sua tese para a teoria da Guerra de Manobra começa, não com os combates terrestres, mas, sim, com a análise de exercícios de combates aéreos conduzidos na Base Aérea de Nellis em 1974. Tais exercícios o levaram a rever os estudos dos combates aéreos ocorridos durante a Guerra da Coreia, da qual participara e onde os pilotos americanos obtiveram grande sucesso, vencendo seus opositores coreanos e chineses na razão de 10:1. A questão levantada por Boyd foi: “como e por que nos saímos tão bem?”

Boyd notou que, em relação a diversos parâmetros de *performance*, o MiG-15, principal caça comunista à época, era superior aos F-86 americanos. Entretanto, em relação a dois parâmetros, aparentemente de menor importância, o F-86 era melhor: o primeiro era a visão do piloto de dentro da cabine; e o segundo era um sistema hidráulico de comandos mais eficiente. Isto significava que, enquanto o MiG-15 podia, em termos de ações individuais, acelerar, subir e realizar curvas melhor que o F-86, este, por sua vez, era capaz de passar de uma ação a outra mais rapidamente, dada a melhor observação dos pilotos e as melhores respostas do sistema hidráulico. Utilizando-se dessas duas características superiores, os pilotos americanos desenvolveram uma tática de aproximação que forçava os MiG a reagirem a uma série de ações. A cada mudança nessas ações, o F-86 ganhava uma vantagem temporal, uma vez que seu piloto podia ver em melhores condições a evolução da situação e fazer sua aeronave passar a uma nova ação mais rapidamente. A cada ação que era realizada, as reações dos MiG se tornavam mais inapropriadas, até o ponto em que o MiG oferecia ao piloto do F-86 uma excelente condição de tiro. Frequentemente, os pilotos dos MiG aparentavam perceber o que lhes estava acontecendo, levando-os ao pânico e à paralisia.

Posteriormente, o Cel Boyd iniciou seus estudos sobre

¹ SVERDLOV, F. D. Coronel. *Manobra Tática*. In: LIND, William S. *Maneuver Warfare Handbook*. Boulder, Col.: Westview, 1985. p. 4

os combates terrestres, buscando investigar se poderia ser percebida a existência de situações similares àquelas ocorridas na Guerra da Coreia. Realizou, então, uma profunda investigação histórica, desde SunTzu a Blitzkrieg alemã, passando pela guerra irregular de Laurence da Arábia. Pôde encontrar, então, em batalhas, campanhas e guerras como *Leuctra*, *Vicksburg* e a invasão da França em 1940, algo similar ao ocorrido na Coreia, ou seja, um dos lados sendo submetido a uma série de situações repentinas e inesperadas com as quais não conseguia lidar oportunamente, sendo, normalmente, derrotado a um custo menor para o vencedor. Saltava aos olhos que, freqüentemente, o lado perdedor era fisicamente mais forte que o outro e o mesmo fenômeno de pânico e paralisia, ocorrido aos pilotos norte-coreanos e chineses, parecia repetir-se. Cel Boyd perguntou-se, então: o que todos esses casos têm em comum? Sua resposta é o que se conhece, hoje, como a Teoria de Boyd ou Teoria da Guerra de Manobra. Para expor tal teoria, John Boyd realizou uma série de palestras (*"A discourse on winning and losing"* ²), dentre as quais, a mais importante foi *"Patterns of Conflict"* ³, que durou cerca de cinco horas. De tais palestras podemos resumir a essência de sua teoria da seguinte forma:

Um conflito pode ser visto como uma competição no tempo de ciclos de **Observação-Orientação-Decisão-Ação**. Cada parte neste conflito inicia com a observação da situação. Observa a si próprio, ao ambiente que a cerca e ao seu inimigo. Ao observar, busca orientar-se, o que significa formar uma imagem mental da situação. Ao se orientar, monta os elementos para sua tomada de decisão. Em seguida, põe em prática sua decisão, ou seja, executa as ações necessárias. A partir daí, assumindo que suas ações mudaram a situação, observa novamente, reiniciando o ciclo. Tal processo é conhecido como Ciclo de Boyd ou Ciclo OODA. Se um dos lados em conflito puder, continuamente, executar tal processo mais rápido que seu oponente, ganhará uma enorme vantagem temporal, de forma que, quando o outro lado pôr em prática sua decisão, tais ações parecerão inapropriadas, dadas as novas ações já realizadas pelo lado de ciclo mais veloz. A cada processo realizado, as ações do oponente mostrar-se-ão mais inapropriadas e seu ciclo tornar-se-á cada vez mais lento, até o momento em que suas ações não surtirão mais efeito ⁴. (LIND, 1985, p.5)

A Teoria de Boyd define o significado da palavra "manobra" na expressão "Guerra de Manobra", que significa penetrar o Ciclo OODA inimigo, ou seja, ser, continuamente, mais rápido que ele em quantos ciclos forem necessários até que sua coesão moral e mental seja quebrada – até que não possa mais lutar, efetivamente, como força organizada. Em algumas situações, esse inimigo poderá entrar em pânico ou tornar-se passivo, o que viria a ser um ótimo resultado para o vencedor, pois nessas situações a resistência tende a ser menor, facilitando sua derrota, com um custo menor para as próprias forças. Em outras situações, o inimigo será forçado a atuar fracionado, ou até individualmente, mas de forma descoordenada, não conseguindo formar uma força coesa, facilitando, do mesmo jeito, sua derrota. De qualquer forma, em ambas as situações, a es-

sência para a vitória é a mesma: **penetrar o Ciclo OODA do inimigo**.

Se na guerra de manobra a essência para a vitória significa penetrar o Ciclo OODA inimigo, buscando-se gerar um ambiente imprevisível e altamente mutável, inibindo a capacidade inimiga de adaptação e reação, por meio da manutenção de um intenso ritmo das operações, o que, mantido continuamente, provoca confusão e desordem sob a ótica do inimigo, levando-o ao colapso sistêmico (moral e mental) e tirando-lhe a capacidade de reagir fisicamente ao conjunto de ações que lhe pareçam, simultaneamente, ameaçadoras, ambíguas e caóticas, o que é necessário para que possamos manter tal continuidade? Podemos ressaltar três pontos essenciais para vencer tal desafio:

- Somente forças que atuam com execução descentralizada são capazes de manter um ciclo OODA mais rápido que seu opositor. Se os fatos observados necessitam subir na cadeia de comando para que uma orientação seja percebida, de forma a gerar uma decisão a ser transmitida para baixo a fim de ser executada, a tendência é gerar um ciclo OODA lento. O controle das ações pode ser centralizado; entretanto, é o elemento na ponta da lança que tem a melhor fotografia do quadro local para a tomada de decisão quanto às ações a serem tomadas *in loco*. Para tal, mostra-se essencial o desenvolvimento de uma excelente capacidade de comando e controle (C2), fato que está diretamente relacionado à necessidade de os escalões mais elevados dentro da cadeia de comando lidarem melhor com a incerteza do combate, evitando, assim, transformar seus subordinados em marionetes sem iniciativa própria;
- Não basta, às forças que intencionam conduzir a guerra de manobra, a capacidade de operar ou lidar com um ambiente de confusão e desordem. Elas têm que ser capazes de gerar esse tipo de ambiente para o inimigo, por meio da descentralização de suas ações. Tal fato pode ser exemplificado pela tática, aparentemente desordenada, de ações ditadas pelo reconhecimento durante a *Blitzkrieg* alemã, em que, para os franceses, cada elemento de reconhecimento alemão era reportado como um novo ataque, levando à completa desinformação e ao caos. Parecia que os alemães estavam em todos os lugares, provocando a paralisia do sistema de tomada de decisão francês, baseado em demasia na certeza; e
- Todos os padrões, receitas e fórmulas devem ser evitados, de forma que o inimigo não seja capaz de antecipar nossas ações. Se as **táticas** seguem padrões pré-definidos, torna-se muito fácil ao inimigo penetrar nosso ciclo OODA. Essa é uma das razões de ser tão difícil colocar em prática a guerra de manobra: não há fórmulas a serem ensinadas ou aprendidas. Dessa forma, o primeiro princípio da guerra de manobra deve ser a consciência de que não há esquemas fixos. Deste decorre o segundo, que vem a ser a não-consecução da mesma manobra duas vezes, mesmo que as situações se mostrem idênticas e que, da primeira vez, tudo tenha dado certo, tendo em vista a capacidade de adaptação do inimigo. Nesse ponto há de se ter cuidado

2 Pode ser traduzido como: Discurso sobre a vitória e a derrota.

3 Pode ser traduzido como: Padrões dos conflitos.

4 LIND, William S. *Maneuver Warfare Handbook*. Boulder, Col.: Westview, 1985. p. 5

com o estudo da história militar, a fim de não querermos, simplesmente, repetir ações feitas no passado. Imitar Alexandre ou Napoleão não nos transformará em gênios militares. O mais importante é entender o processo mental que os levou à tomada de determinadas decisões. O estudo da história militar deve nos auxiliar a pensar na guerra e sobre a guerra.

Se a guerra de manobra não pode ser aplicada por meio de fórmulas, receitas ou esquemas táticos, como conduzi-la? O primeiro passo é entendermos o significado do termo **tática** no contexto da guerra de manobra: “processo de combinação de dois elementos básicos - técnica e educação - por meio de três pontos de referência – *mission-type orders*, foco do esforço (*schwerpunkt*) e a busca pelas superfícies e brechas inimigas – com o objetivo de produzir uma abordagem única para um inimigo, momento e local específicos” (LYND, 1985 p.12)⁵. Desse entendimento devemos enfatizar alguns pontos importantes:

- A tática é um processo, em especial mental, que possui sua dinâmica própria. Ele representa a maneira de concretizar ou colocar algo em prática. Não significa somente o que fazer, mas também o motivo pelo qual foi escolhida aquela forma de execução. Não significa só a decisão do comandante, mas também como se chegou a ela – seu método;
- O objetivo do processo é uma abordagem única, algo diferente com o qual o inimigo não espera se deparar;
- Tudo deve ser realizado, de acordo com a situação, para um inimigo, local e momento específicos, pois cada situação é peculiar – uma é diferente de outra. O que deu certo em determinado momento pode não ser a solução nos seguintes;
- A tática deve combinar dois elementos básicos: a técnica e a educação. A técnica pode ser adquirida ou ensinada por meio de fórmulas ou padrões. Ela inclui: como fazer fogo preciso com o fuzil, como montar uma metralhadora, como solicitar apoio de fogo, como estabelecer comunicações, etc. Cabe ressaltar que **procedimentos e técnicas específicas** de cada elemento devem ser treinados até a exaustão, de forma a não haver perda de tempo quando da execução das ações. A excelência quanto ao uso da técnica é essencial na guerra de manobra. Técnicas pouco apuradas contribuem para a lentidão do ciclo OODA e para a ineficácia das ações; entretanto, somente técnicas apuradas não são suficientes. O processo da tática inclui a arte de selecionar, dentre as técnicas existentes, quais criarão a abordagem única mencionada para o inimigo, o momento e o local específicos. Essa arte é a educação, não em **o que fazer**, mas em **como pensar**. A educação sem excelência quando do emprego das técnicas significa ações inoportunas ou não efetivas; entretanto, técnicas excelentes sem educação para seu emprego significam táticas rígidas e previsíveis aos olhos do inimigo.

Do significado do termo tática faltou-nos a abordagem dos três pontos de referência mencionados – *mission-type orders*, foco do esforço (*schwerpunkt*) e superfícies e brechas inimigas.

Mission-type orders

Ou “atribuição de tarefa por efeito desejado”, conforme consta do CGCFN-0-1, é a chave para a descentralização das ações em busca da manutenção de um rápido ciclo OODA. Uma *mission-type order* informa ao comandante subordinado “o quê” (tarefa → efeito desejado) que o seu superior quer que seja cumprido (alcançado), deixando-lhe claro o “porquê” do cumprimento da tarefa (efeito desejado mais amplo). A definição do “como” alcançar o efeito desejado fica, inteiramente, a cargo do subordinado. Isto permite a este tomar as medidas necessárias ao alcance do que o superior deseja (efeitos desejados, imediato e mais amplo) diante das mudanças na situação. Cabe ressaltar que, em certas ocasiões, dada uma alteração na situação, a tarefa, inicialmente, imposta pelo superior torna-se inoportuna ou inadequada ao alcance do efeito desejado mais amplo. Neste caso, caberá ao subordinado, explorando ao máximo sua iniciativa, agir de forma a buscar o alcance de tal efeito, sem esperar ordem para tal, mas deixando seu superior informado quanto à ação executada. Caso esperasse por orientações do superior para poder agir, a tendência seria de lentidão no ciclo OODA, tanto seu quanto do superior. O conceito de *Mission-type orders* carrega consigo um acordo implícito entre comandante e subordinado, qual seja: o subordinado assegura ao comandante que irá realizar as ações necessárias ao cumprimento de sua intenção⁶, enquanto que o comandante proporciona a liberdade necessária ao subordinado para definir como irá atender a tal intenção. Com foco nessa Intenção do Comandante, uma vez lançada a ação e com a mudança na situação, espera-se que o subordinado ajuste suas ações a essas mudanças por meio de sua própria iniciativa. Tal fato pressupõe tolerância ao erro pelo superior, uma vez que é melhor a existência de alto grau de iniciativa entre os subordinados, gerando um rápido ciclo OODA, mesmo que o preço seja o cometimento de alguns erros, do que a paralisia ou lentidão pela falta daquele atributo. Ao invés de controlar seus subordinados dizendo-lhes “o que fazer” e estabelecendo uma sistemática de relatórios de acompanhamento, o controle é estabelecido pelo comandante por meio das orientações constantes em sua intenção.

Foco do esforço (*schwerpunkt*)

Este termo em alemão tem sido traduzido, algumas vezes, como o ponto focal do esforço, o que se mostra perigoso, pois não se trata de algo material ou um pon-

⁶ A expressão “Intenção do Comandante” no contexto da guerra de manobra foi amplamente explorada no número 39 da revista Âncoras e Fuzis, do qual extraímos o seguinte trecho: “a Intenção do Comandante é um dos conceitos centrais da guerra de manobra. É definida na doutrina do *United States Marine Corps* como a articulação clara e concisa pelo Comandante do propósito que está por trás de uma ou mais tarefas atribuídas a um subordinado [...] que orienta o exercício da iniciativa na ausência de instruções. Embora uma situação possa mudar, tornando a tarefa obsoleta, a Intenção do Comandante é mais duradoura e continua a orientar as ações, permitindo aos subordinados o exercício do julgamento e da iniciativa quando há mudança na situação inicial. Ela proporciona flexibilidade ao subordinado na execução do “como”. Mostra-se como a chave para o comando e controle descentralizado, auxiliando na priorização das tarefas e ajudando a unificar os esforços. Desta forma, a elaboração adequada da Intenção do Comandante e a atribuição de tarefas ao subordinado por efeito desejado permitirão a flexibilidade e a iniciativa buscadas na guerra de manobra, fornecendo um enquadramento geral a ser seguido por todos”. O artigo sobre o assunto traz, ainda, alguns exemplo de Intenção do Comandante.

⁵ LIND, William S. *Maneuver Warfare Handbook*. Boulder, Col.: Westview, 1985. p. 12

to no terreno. Ele representa a ação decisiva a ser realizada para o cumprimento da missão do Comandante, sendo, normalmente, representado por uma unidade ou elemento subordinado (esforço principal). Quando tal elemento é designado para exercer o foco do esforço, ou seja, representar o esforço principal, todos os demais devem trabalhar para apoiá-lo, inclusive a reserva, que deve ser posicionada de forma a poder explorar um eventual sucesso ou uma oportunidade que surja. Ao se definir o foco do esforço, proporcionamos objetividade às ações, permitindo que uma força, mesmo numericamente inferior, ao explorar, adequadamente, as vulnerabilidades inimigas, possa superar uma outra cujo poder de combate seja superior. Todos os comandantes subordinados devem ter em mente o foco do esforço, o qual, aliado à correta compreensão da intenção do comandante superior e a *mission-type order* recebida, proporcionará coesão ao conjunto de ações desenvolvidas, evitando que tal conjunto, devido à descentralização necessária na guerra de manobra, transforme-se em verdadeiro caos. As ações do elemento designado (esforço principal) para exercer o foco do esforço convergirão para o **ponto focal do esforço** que, nesse momento, será o alvo prioritário, normalmente localizado nas forças inimigas e, em algumas situações, no terreno.

Superfícies e brechas

De forma bem simplória, superfícies são os pontos de força do inimigo e as brechas, os pontos de fraqueza. Tais termos, ao invés de pontos de força e fraqueza simplesmente, são utilizados para facilitar o entendimento da seguinte metáfora pelos comandantes de pequenas unidades ou frações ao se depararem com uma linha defensiva inimiga: a água, ao descer um declive, evita os obstáculos (superfícies) e busca as faixas desimpedidas (brechas) de forma a facilitar o seu escoamento e, por vezes, ao se deslocar, torna-se imperceptível. Dessa forma, uma brecha no dispositivo inimigo deve ser o ponto a ser explorado pelo esforço principal, buscando-se, para tal, neutralizar as possíveis influências das posições inimigas (superfícies). No contexto da guerra de manobra, as manobras operacionais e táticas devem priorizar a aproximação indireta, buscando comprometer o centro de gravidade⁷ inimigo pela exploração de uma ou mais vulnerabilidades críticas⁸, voltando-se o foco do esforço para tais vulnerabilidades, observados os efeitos desejados a serem alcançados.

Porém, como encontrar aquelas brechas? Isto é feito por meio da técnica *reconnaissance-pull* ou, simplesmente, *recon-pull* (ações ditadas pelo reconhecimento⁹), a qual é executada por um agressivo reconhecimento, em força ou não, na área de operações. Tal técnica, aliada a uma regulagem curta da manobra, permite que sejam detectadas e exploradas as brechas e evitadas as superfi-

cies. Dessa forma, será o reconhecimento que ditará por onde escoar os elementos de manobra, diferentemente do que é praticado hoje (*command-push*), quando os eixos de avanço são selecionados antes do início das operações e o reconhecimento, praticamente, confirma o dispositivo inimigo e a viabilidade de cumprir o planejado. *Recon-pull* exige que todos participem do esforço de reconhecimento, de forma a ser montada a mais perfeita imagem possível do campo de batalha.

No contexto da exploração das brechas, evitando-se as superfícies, mostra-se essencial a correta exploração do apoio de fogo, o qual, diferentemente da guerra de atrito, não deve ser utilizado para permitir o movimento para uma posição de tiro mais vantajosa para o atacante, gerando mais atrição. Ao contrário, o apoio de fogo deve ser empregado, com a técnica de armas combinadas¹⁰, para impedir que o inimigo interfira no movimento das peças de manobra por entre as brechas existentes, as quais buscarão gerar uma série de ações inesperadas e danosas ao inimigo.

Este artigo não pretendeu esgotar os aspectos relativos à Teoria da Guerra de Manobra, a qual requer a abordagem de outros aspectos, tais como: sistema de comando e controle baseado em liderança e monitoramento; peculiaridades no emprego da reserva; peculiaridades no emprego dos blindados, da engenharia de combate e na prestação do apoio de serviço ao combate. Tais aspectos serão abordados em artigo futuro. Até lá, convidamos os leitores a se aprofundarem um pouco mais no assunto, o qual vem a ser o estilo de condução da guerra escolhido pelo CFN para nortear ações dos GptOpFuzNav. Tal aprofundamento pode ser realizado por meio da vasta bibliografia existente, tanto na Internet, quanto na Biblioteca do CFN localizada no CECFN/CIASC. Boa leitura!

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Marinha do Brasil. Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN 0-1: Manual Básico dos GptOpFuzNav**. Rio de Janeiro, 2003.
- BOYD, John. Patterns of conflict. In: _____. **A discourse on winning and losing**. [S.l.: s.n., 19--].
- LIND, William S. **Maneuver Warfare Handbook**. Boulder, Col.: Westview, 1985.
- LEONHARD, Robert. **The art of maneuver: maneuver-warfare theory and airland battle**. Novato, CA : Presidio Press, 1991.
- SVERDLOV, F. D. Coronel. ManobraTática. In: LIND, William S. **Maneuver Warfare Handbook**. Boulder, Col.: Westview, 1985.

7 Ver CGCFN 0-1, p. 3-4.

8 Idem.

9 Ver CGCFN 0-1, p. 3-6.

10 LIND, William S. **Maneuver Warfare Handbook**. Boulder, Col.: Westview, 1985. p. 20